

# A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Lisia Regina Michels**  
*Universidade Federal da Fronteira Sul*  
lisia.michels@uffs.edu.br

## Resumo

A política nacional da educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, enfrenta resistência nas escolas, pela falta de investimentos na formação continuada de professores e nos recursos materiais, gerando dificuldades no atendimento de alunos com deficiência na rede regular de ensino. Esta pesquisa analisou as condições de oferta do ensino inclusivo para alunos com deficiência, matriculados nas séries iniciais da educação básica das escolas municipais na região centro-oeste do Paraná. Os dados foram coletados por meio de um questionário, aplicado nos professores que tinham alunos com deficiência em sala de aula. Os resultados demonstram que os professores não se consideram preparados para mediar os processos de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência e também apresentam certa resistência e preconceito diante da inclusão escolar. Na perspectiva da educação inclusiva, é fundamental investir na formação continuada dos professores, na adaptação de materiais pedagógicos e na eliminação das barreiras arquitetônicas e atitudinais.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva. Formação de professores. Alunos com deficiência.

## INCLUSIVE EDUCATION IN THE PERSPECTIVE OF FUNDAMENTAL EDUCATION TEACHERS

### Abstract

The national policy of special education, from the perspective of inclusive education, faces resistance in schools, lack of investment in the continuing education of teachers and material resources, creating difficulties in serving students with disabilities in regular schools. This research analyzes the inclusive education conditions offered to students with disabilities enrolled in the early grades of basic education in municipal schools in the Midwest region of Paraná. Data were collected through a questionnaire applied to teachers who have students with disabilities in the classroom. The results show that teachers do not consider themselves prepared to mediate the processes of teaching and learning of students with disabilities and also show some resistance and prejudice on school inclusion. From the perspective of inclusive education, it is essential to invest in the continuing education of teachers in the adaptation of teaching materials and the elimination of architectural and attitudinal barriers.

**Keywords:** Inclusive education. Teacher formation. Students with disabilities.

## EDUCACIÓN INCLUSIVA EN LA PERSPECTIVA DE PROFESORES DE EDUCACIÓN FUNDAMENTALES

### Resumen

La política nacional de educación especial, desde la perspectiva de la educación inclusiva, se enfrenta a la resistencia en las escuelas, la falta de inversión en la formación continua de profesores y recursos materiales, creando dificultades para servir a los estudiantes con discapacidad en las escuelas regulares. Esta investigación analiza las condiciones de la oferta de educación inclusiva para estudiantes con discapacidad matriculados en los primeros grados de la educación básica en las escuelas municipales en la región del Medio Oeste de Paraná. Los datos fueron recolectados a través de un cuestionario aplicado a los profesores que tienen estudiantes con discapacidad en el aula. Los resultados muestran que los maestros no se consideran preparados para mediar en los procesos de enseñanza y aprendizaje de los estudiantes con discapacidades y también muestran cierta resistencia y los prejuicios sobre la inclusión escolar. Desde la perspectiva de la educación inclusiva, es esencial invertir en la formación continua de los profesores en la adaptación de materiales didácticos y la eliminación de barreras arquitectónicas y actitudinales.

**Palabras clave:** Educación inclusiva. Formación del profesorado. Estudiantes con discapacidad.

## A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

### INTRODUÇÃO

O conceito de inclusão se atribui a um movimento histórico de lutas ao acesso a educação de pessoas com deficiência, tendo como uma de suas bases à educação especial. A educação inclusiva vem gerando o debate estridente entre educadores, gestores e pessoas com deficiência. O sistema educacional que historicamente segregou e excluiu as pessoas com deficiência, agora precisa criar as condições para garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na escola.

A política nacional da educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, que assegura o acesso e a permanência da clientela da educação especial no ensino regular, ainda não foi implantada de maneira a garantir o acesso e a permanência dos alunos com deficiência, transtornos invasivos do desenvolvimento ou altas habilidades. Ao analisarmos as condições o acesso e a permanência destes alunos, colocamos em pauta a garantia das condições para os alunos acessarem o conhecimento científico organizado e sistematizado pela escola.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as condições de oferta do ensino inclusivo para os alunos com deficiência, matriculados nas séries iniciais da educação básica, das escolas públicas municipais de um município na região centro-oeste do Paraná.

Os objetivos específicos foram: Verificar como se dá o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência, inseridos na rede regular de ensino; Verificar como se dá o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos com deficiência, inseridos na rede regular de ensino; Levantar as estratégias de ensino que favorecem ou dificultam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência no ensino regular.

A inclusão escolar precisa articular as políticas em geral, programas e serviços a toda comunidade. Portanto, é necessária a conscientização do direito a cidadania, para todos, de maneira que se tenham sentimentos e compreensão em relação às pessoas que possuem deficiência. (ABENHAIM, 2005 *apud* LEONARDO, BRAY e ROSSATO, 2009).

Há um esforço para adequar as escolas regulares para receber todos os alunos, incorporando-os na escola comum, geralmente agrupada em classes especiais, o que, no entanto não modifica o funcionamento da escola. Desta maneira abrindo novas possibilidades de experiência inclusivas, possibilitando o atendimento educacional especializado, foram implantadas as salas de recursos.

A sala de recursos, como o ensino itinerante, é uma modalidade classificada como auxílio especial. Como o próprio nome diz, consiste em uma sala da escola, provida com materiais e equipamentos especiais, na qual um professor especializado, sediado na escola, auxilia os alunos naqueles aspectos

específicos em que precisam de ajuda para se manterem na classe comum. O professor da sala de recursos tem uma dupla função: prestar atendimento direto aos alunos e indireto através de orientação e assistência aos professores da classe comum, as famílias dos alunos e aos demais profissionais que atuam na escola. Mediante esta modalidade de atendimento educacional, o aluno é matriculado na classe comum correspondente ao seu nível de escolaridade. Assim sendo, o professor especializado deve desenvolver o seu trabalho de forma cooperativa com os professores da classe comum (BAPTISTA, 2011, p 48).

Entre os anos de 2005 e 2010, houve um forte investimento na sala de recursos como um espaço para o atendimento educacional especializado, assim como houve um grande debate discutindo a disponibilidade de professores especializados em educação inclusiva nas salas de recursos de maneira a fortalecer o conhecimento e a própria segurança da escola para se trabalhar com a inclusão escolar. Neste sentido, restam dúvidas em relação a esta modalidade de atendimento educacional nas escolas, a quem realmente é direcionada a sala de recursos, como deve ser constituída esta sala de recursos. Considerando que se trata de um espaço pedagógico da escola, que importância esta sala de recursos vem adquirindo perante o sistema da escola, quais os alunos que frequentam esta sala de recursos, qual sua relação com o ensino comum trabalhado nas salas de aula, quais as expectativas para esta inclusão (BAPTISTA, 2011).

Outro aspecto considerado fundamental para a criação de escolas inclusivas é o investimento na formação inicial e continuada de professores. Segundo

Vitta, Vitta e Monteiro (2010), a formação profissional ofertada para os professores não atende o esperado, os professores ainda sentem insegurança na hora de trabalhar com estes alunos, tanto na formação inicial quando na formação em serviço há uma necessidade de se incluir discussões sobre o papel do professor diante da inclusão escolar. A falta de uma formação específica resulta em uma sensação de incapacidade no professor em relação à inclusão destes alunos na sala de aula. Neste sentido, deveria se pensar em programas que motivassem a capacidade deste profissional em atuar com alunos que apresentem deficiência junto com os demais, lembrando que para atuar com a diversidade humana, faz-se necessário um conjunto de conhecimentos e também a disponibilidade do profissional para atuar com o novo.

## MATERIAL E MÉTODOS

Participaram desta pesquisa 41 professores da rede pública de uma cidade da região centro-oeste do Paraná. O critério de seleção adotado para selecionar os professores para inclusão na amostra foi ter um ou mais alunos com algum tipo de deficiência na sala regular de ensino.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário e os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. As questões abordaram a formação dos professores, as estratégias utilizadas, as formas de avaliação, o processo de ensino, o apoio técnico recebido. Desse modo o questionário captou a opinião dos sujeitos desta pesquisa a partir de questões discursivas. Os dados foram analisados e categorizados.

## RESULTADOS E ANÁLISES

Diversos pesquisadores chamam a atenção para as implicações deste despreparo, no qual os professores não possuem o conhecimento específico, gerando dificuldades no processo de ensino. As dificuldades mais evidenciadas diante da inclusão escolar referem-se à falta de acessibilidade nas escolas e suporte técnico dos profissionais da área da educação especial, carência de materiais, adequação metodológica de ensino, dificuldades quanto aos parâmetros na avaliação destes alunos (LEONARDO, BRAY e ROSSATO, 2009).

Uma categoria que emergiu dos dados refere-se às dificuldades diante da inclusão Educacional. A partir de dados coletados podemos perceber que há falta de conhecimento e preparo dos professores em relação a como trabalhar com os alunos com deficiência. Como pode ser analisado na resposta do sujeito, *“a falta de informação na hora de receber o aluno, falta de comunicação com o professor da sala especial para trocar ideias, a falta de ajuda para trabalhar com estes alunos”* (sujeito 18). Assim como analisado na resposta de uma das professoras, *“muitas vezes a gente não sabe como trabalhar com essas crianças e como avaliá-las, juntamente com outras crianças que realizam as atividades”* (sujeito 21).

Desta maneira o autor nos coloca que o que vem dificultando a inclusão dos alunos com deficiência nas escolas são o despreparo dos profissionais e a falta de estrutura das escolas. Na categoria das dificuldades diante da inclusão educacional podemos perceber uma subcategoria, onde fica evidente que na visão dos professores ainda há certa resistência e preconceito perante seus alunos com deficiência. Silva e Aranha (2005, p.378), analisaram o trabalho de uma professora em

sua classe regular de alunos e alunos com deficiência, e identificaram que a interação da professora com os alunos com deficiência se restringia a chamar a atenção e cobrar disciplina em sala de aula, concluindo que a abordagem da professora com seus alunos com deficiência fora mais negativa e corretiva, evidenciando a resistência e o preconceito.

A partir das análises empreendidas neste estudo, também foi possível identificar, na resposta das professoras, o preconceito e a resistência: *“vem acontecendo de forma natural onde o aluno incluso é tratado como os demais”* (professora 22). Várias respostas mencionam *“o aluno incluso”*, podemos refletir sobre esta insistência em criar novas categorias para enquadrar os sujeitos. Ao longo da história da educação especial várias foram as denominações aos alunos atendidos por esta modalidade de ensino: doente, excepcional, pessoas com necessidades especiais, pessoas com necessidades educacionais especiais, e pessoas com deficiência. E agora, o que significa o aluno incluso? Que lugar os professores designam a estes alunos?

Outra manifestação de resistência diante da inclusão escolar refere-se a não adaptação da metodologia de ensino, como pode ser analisado na resposta seguinte: *“a metodologia utilizada, em geral, é a mesma para todos os alunos, pois se não for dessa maneira, não podemos chamar de inclusão”* (professora 4). Na percepção de outra professora não é possível incluir todos os alunos: *“nem sempre é possível incluir todos os alunos”* (professora 18). Ficou evidenciado certa resistência e preconceito por parte dos professores diante dos alunos com deficiência, tendo em vista naturalizaram o processo de inclusão sem oferecer qualquer adaptação dos materiais ou metodologia de ensino.

Outra categoria que emergiu dos dados foi à categoria de necessidades de apoio técnico para a inclusão educacional, onde na percepção da maioria dos sujeitos, falta apoio dos profissionais da área da educação inclusiva, no sentido de auxiliar o professor na sua prática pedagógica inclusiva.

Uma dificuldade percebida é a falta de apoio técnico e profissional aos professores, considerando que os alunos com deficiência estão frequentando o ensino regular sem o devido preparo técnico dos professores, ampliando as dificuldades para atender os alunos com deficiência (SILVA e ARANHA, 2005, p. 373).

Como pode ser analisado nas falas dos sujeitos: *“até o presente momento só recebi algumas informações, sugestões e auxílio da direção e supervisão da própria escola e a vontade de pesquisar para melhorar a prática na sala de aula, o professor que recebe o aluno com deficiência, não recebe capacitação para atendê-lo”* (sujeito 31). Outra professora manifesta o desejo de saber mais: *“sinto necessidade de saber mais a respeito da deficiência do meu aluno, porém tenho apenas relatórios, nada mais. Não tenho ajuda na escola”* (sujeito 4). Outra professora descreve a falta de conhecimento e apoio: *“tenho pouco conhecimento sobre a inclusão e tenho dificuldades em trabalhar com os alunos, falta mais informação, pois só temos relatórios para nos orientar”* (sujeito 5).

Outra professora indica as dificuldades da escola: *“nossa escola não dispõe de materiais e equipamentos necessários ao trabalho com alunos portadores de necessidades educacionais especiais”* (sujeito 11). Mais uma vez, foi possível registrar a falta de investimento na implantação de políticas públicas que de fato deem respostas, tanto aos professores, quanto aos alunos, para que a educação inclusiva se efetive. Costa (2003) argumenta que os profissionais da educação, muitas

vezes deixam de cobrar seus direitos, pois é compromisso das secretarias estaduais e municipais de educação, cuja atuação deve incluir a coordenação e o financiamento dos programas, de garantir essa capacitação aos profissionais e todo o apoio que necessitam para trabalhar com estes alunos.

Dentro desta categoria de necessidades de apoio técnico para inclusão educacional ainda podemos observar o ponto de vista de outros sujeitos que consideram que recebem o apoio necessário: *“recebo todo o apoio, conto com uma estagiária comprometida com a aprendizagem, e quando eu solicito ajuda, conto com a equipe pedagógica”* (sujeito 10). Outra professora considera que recebe o apoio técnico: *“na medida do possível, pesquisando juntamente com a equipe, sempre que necessito recebo apoio, orientações da direção e supervisão da escola, bem como dos profissionais da secretaria municipal de educação”* (sujeito 33).

É importante que o apoio técnico seja garantido a todos os professores, onde se o aluno tiver dificuldades a se adaptar ao currículo comum é necessário que seja cedido o apoio de um professor especializado dentro e fora de sala de aula, contribuindo para uma melhor aprendizagem destes alunos (JESUS e MARTIN, 2001).

Outra categoria analisada refere-se às estratégias de ensino adotadas pelos professores que favorecem ou dificultam a inclusão dos alunos em sala de aula. Uma parcela significativa dos professores produzem materiais concretos para incluir os alunos com deficiência nas atividades propostas em sala de aula.

Para favorecer a inclusão escolar, é necessária uma adaptação nas salas de aula e no currículo escolar para que possa atender as necessidades de todos os alunos com deficiência, englobando simultaneamente a

educação regular e a especial. Os professores têm direito ao trabalho em parceria com apoio educacional especializado, bem como lecionar áreas curriculares específicas, conteúdos próprios, adaptar materiais e gerir tecnologias de apoio (RODRIGUES e NOGUEIRA, 2011).

Ao serem questionados sobre as metodologias de ensino adotadas para incluir os alunos deficiência, alguns professores fizeram referência aos materiais que utilizam em sala de aula: *“faço uso de material concreto, a leitura e escrita, livro infantil, apostila com atividades diversificadas no dia a dia de nossa sala de aula, adaptada a necessidade do aluno”* (sujeito 02). Uma das professoras recorreu a jogos feitos por ela, revelando seu comprometimento para ensinar todos os alunos: *“os trabalhos diários incluem todos os alunos, mas quando estes não atingem os objetivos, são feitos dominó de palavras, jogos com premiação que no final incluem todo [...] tenho vários materiais de apoio que eu mesma fiz como “quebra-cabeça” para ajudar os alunos”* (sujeito 16).

As professoras buscam atender as necessidades individuais dos alunos, por meio da adaptação dos materiais e metodologia, como pode ser analisado nas respostas seguintes:

*Tenho uma caixa de atividades extras e leitura para os mais adiantados, quem já lê e consegue interpretar e utilizar o livro didático. Para os mais lentos, trabalho individualmente no caderno, utilizando jogos e muito material concreto. Não é fácil, e muitas vezes ainda não consigo atingir a todos* (sujeito 20).

Outra professora revela também revela como busca atender as necessidades especiais dos alunos: *“tento dar atenção e atender a todos da mesma maneira, atendendo individualmente o incluso por apresentar mais dificuldade. Planejo aulas diferenciadas de acordo com suas necessidades e limitações, acontece também com as*

*avaliações”* (sujeito 21).

Estes professores buscam atender as necessidades individuais dos alunos, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada um, prestando atendimento mais individualizado, para os alunos que não acompanham o currículo comum, existe a possibilidades de elaborar um currículo específico adaptado às necessidades apresentadas pelo aluno.

Nesta categoria, houve respostas divergentes, como pode ser analisado na resposta: *“nem sempre é possível incluir todos os alunos na mesma atividade e às vezes não tenho nada adaptado para aquela situação”* (sujeito 18). Nesta perspectiva, quando a professora não consegue incluir todos os alunos na mesma atividade e não apresenta nenhuma outra alternativa de atividade para o aluno com deficiência, fica visível o tipo de educação excludente que o aluno com deficiência está exposto. Como alerta Amaral (1995, p.112), *“a deficiência jamais passa em brancas nuvens”*. Muitas vezes a diferença está posta na sala de aula, por meio das contradições entre professores e alunos.

Outra categoria analisada refere-se à avaliação. Analisamos como os professores avaliam a aprendizagem dos alunos com deficiência. Na percepção dos sujeitos a avaliação pode ser realizada levando em consideração as particularidades de cada aluno, como pode ser analisado nas seguintes respostas:

*Avalio da mesma forma levando em conta algumas particularidades do aluno. O aluno com necessidade especial, às vezes, precisa de um tempo maior para assimilar, eu procuro estar sempre retomando e avaliando todo o processo de aprendizagem, cada pequeno avanço é valorizado. Avalio assim todos os alunos, levando em conta todo o processo* (sujeito 08).

*A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte do seu modo de agir e, por isso, é necessária que seja usada da melhor forma possível. Então tentando favorecer a aprendizagem, a avaliação é feita de forma qualitativa e diagnóstica, observando o cotidiano dos alunos em sala de aula e também se utilizando de avaliações escritas. Todos os alunos são avaliados igualmente (sujeito 31).*

*Avalio da mesma maneira, pois mesmo o aluno incluído tem condições de se desenvolver, a única diferença é no momento da avaliação que o aluno pode necessitar de um suporte maior. É a avaliação do conteúdo geral, o professor deve levar em consideração sempre a dificuldade que o aluno possui (sujeito 39).*

A avaliação, assim, serve para favorecer o processo de inclusão no sentido de oferecer dados que informem a necessidade de apoio e de todas as variáveis que interferem no processo de ensino-aprendizagem.

Outra categoria refere-se à inclusão escolar. Na percepção dos professores o projeto político pedagógico das escolas até contemplam a inclusão dos alunos com deficiência, mas apenas no papel, onde a realidade na prática é precária e inadequada para atender as necessidades apresentadas pelos alunos, como pode ser analisado na seguinte resposta:

*O Projeto Político Pedagógico traz a realidade da escola colocando que há interesse e responsabilidade de trabalhar com alunos incluídos nas diversas e diferentes situações, porém falta muito ainda como estrutura física e material pedagógico de apoio ao professor, também a formação do docente é precária nesse sentido (sujeito 11).*

Outro professor faz uma importante referência à sala de recursos, que é considerada um tipo de atendimento educacional especializado para a inclusão escolar: *“sim, o projeto contempla a implantação da sala de recursos, assim como, a transição dos alunos da*

*classe especial para o ensino regular” (sujeito 17).*

Outro professor revela que o projeto político pedagógico também contempla a inclusão, mas indica as dificuldades no cotidiano da escola: *“sim, o projeto contempla falando como deve ser a inclusão, como deve ser trabalhado com o aluno incluído, porém, falta professor e material para trabalhar, além de estrutura física e pedagógica.” (sujeito 18).*

Outro professor também menciona que a inclusão escolar existe enquanto um projeto: *“sim, no projeto ela existe, mas em relação à capacitação de todos os profissionais da escola para saberem trabalhar com esses diversos alunos, isso falta. A escola com toda certeza é deficiente nesta questão, e o trabalho não é satisfatório devido a este problema” (sujeito 29).*

Os professores demonstraram que compreendem que a educação na perspectiva da educação inclusiva precisa ser pensada de outra forma e que a criação de novas estruturas no processo de ensino-aprendizagem é fundamental para que a inclusão escolar aconteça.

Alguns professores sugerem adaptações necessárias para a melhoria do ensino inclusivo, dentre eles a adaptação do espaço físico, e o investimento na formação de professores. Como pode ser analisado nas respostas seguintes:

*Mais conscientização aos professores, pois os mesmos precisam estar preparados para receberem todos os alunos. Os professores regentes devem ter uma melhor formação de como trabalhar com os alunos incluídos. O professor auxiliar precisa ter formação em Educação Especial, porque muitas vezes são colocadas estagiárias sem nenhum conhecimento para trabalhar com alunos incluídos (sujeito 05).*

Outra professora revela a necessidade de realizar cursos de aperfeiçoamento: *“maiores investimentos, cursos específicos, profissionais que atendessem as necessidades dos*

*alunos, não apenas no diagnóstico” (sujeito 23). Há também uma professora que concorda: “mais profissionais na área para dar suporte para as escolas de preferência profissionais fixos na secretaria de educação e também nas escolas. Qualificação de todos os profissionais da escola na área de educação especial.” (sujeito 30).*

Carvalho (2005) ressalta que para incluir todos os alunos nas classes comuns, é fundamental investir na melhoria das escolas, eliminando as barreiras arquitetônicas, criando um ambiente acessível, contratando intérprete de LIBRAS, investir em tecnologias educacionais, para que elas as escolas garantir o acesso e permanência dos alunos com e sem deficiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível analisar que a rede pública de educação de uma cidade da região centro-oeste do Paraná vem encontrando dificuldades na implantação da política nacional da educação especial, na perspectiva da educação inclusiva.

A educação inclusiva não se restringe à sala de aula, ela precisa fazer parte de um projeto político pedagógico que se inicia na secretaria municipal de educação, valorizando a participação ativa dos diferentes atores sociais presentes na escola. Com o apoio necessário, as escolas terão condições de empreenderem as transformações necessárias para a construção de escolas inclusivas. Como já foi defendido, o investimento na formação continuada de professores é fundamental para a criação de escolas inclusivas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assunção. **Sociedade x Deficiência**. Revista Integração – ano 4. Número 09, 1992.

BAPTISTA, Claudio Roberto. Ação pedagógica e educação especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 17, n. spe1, p. 59-76, ago., 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000400006>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

JESUS, Saul Neves; MARTIN, Maria Helena. Práticas educativas para a construção de uma escola inclusiva. **Revista Educação Especial**, n.18, 2001. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5180/3175>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro; BRAY, Cristiane Toller; ROSSATO, Solange Pereira Marques. Inclusão escolar: um estudo acerca da implantação da proposta em escolas de ensino básico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.15, n.2, p. 289-306, maio-ago., 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382009000200008>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

RODRIGUES, David; NOGUEIRA, Jorge. Educação especial e Inclusiva em Portugal: fatos e opções. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.17, n.1, p. 3-20, abr., 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000100002>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

SILVA, Simone Siqueira; ARANHA, Maria Salete Fábio. Interação entre professora e alunos em salas de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.11, n.3, p. 373-394, dez., 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382005000300005>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

VITTA, Fabiana Cristina Frigieri; VITTA, Alberto; MONTEIRO, Alexandra S. R.. Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n. 3, p. 415-428, set-dez. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382010000300007>>. Acesso em: 18 dez. 2014.